



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 2, volume 2, artigo nº 09, Julho/Dezembro 2016
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v2n2a9>

A HOMOSSEXUALIDADE NO DISCURSO RELIGIOSO

Carlos Jordan Lapa Alves¹

Mestrando em Cognição e Linguagem (UENF), Graduado em História

Sérgio Arruda de Moura²

Doutor em Literatura Comparada (UFRJ)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo definir o modo como o posicionamento do discurso de boicote da cantora Ana Paula Valadão contra a marca C&A, em episódio recente no Facebook, se realiza ideologicamente em contraposição ao consenso com que a chamada diversidade de gênero procura se estabilizar socialmente. A análise constatou que para todo discurso empreendido haverá um contra-discurso de força igual ou superior, pois da mesma forma que as redes sociais possibilitam ampliar as vozes de personalidades da mídia, o mesmo mecanismo permite reações.

Palavras-chave: Discurso, poder, contra-discurso.

Abstract

This article aims to define the way how the positioning of speech of boycott of singer Ana Paula Valadão against the brand C&A in a recent episode on Facebook is carried ideologically in contraposition to the consensus that the so-called gender diversity seeks stabilize socially. The analysis found that for all the speech undertaken, there will be a counter-speech of force equal or greater, because, in the same way that social networks allow expanding the voices of media personalities the same mechanism allows reactions.

Keywords: Speech, power, counter-speech.

INTRODUÇÃO

Atualmente, em meio à total facilidade e disseminação das comunicações síncronas e conseqüentemente interativas, proporcionadas pelas tecnologias, a Análise de Discurso

¹Universidade Estadual do Norte Fluminense, Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL), Campos dos Goytacazes-RJ, e-mail: jordan.alves@hotmail.com

²Universidade Estadual do Norte Fluminense, Laboratório de Estudos de Educação e Linguagem (LEEL), Campos dos Goytacazes-RJ, e-mail: arruda.sergio@gmail.com

(AD) acaba atuando como importante ferramenta para entender a forma como a sociedade e as relações humanas se dão. Se o próprio enunciado já encaminha os termos de sua análise (uma vez que as reações e as respostas são já uma forma de interpretação), as ferramentas conceituais ajudam a situar historicamente o discurso, inserindo as noções de sujeito e contexto histórico da enunciação. No entanto, ao assumirmos com Orlandi (ORLANDI, 1999, p. 15) que o discurso procura “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”, ao selecionarmos um enunciado qualquer, acabamos tornando possível parte do processo social que favorece o seu aparecimento e as suas estratégias de legitimação.

Assim, ao nos fixarmos em uma postagem do Facebook como o da cantora gospel Ana Paula Valadão em que ela propõe um boicote à marca C&A para puni-la por campanha publicitária que acata a liberdade de gênero, nos projetamos para bem mais longe do que o que o enunciado propõe.

Pensar em Análise de Discurso obrigatoriamente nos obriga a refletir sobre o sujeito, o discurso e as relações de poder. Desta forma, o discurso possibilita significar a linguagem, indo buscar em sua prática as formas sociais convencionadas, a ruptura com os pactos celebrados, os posicionamentos assumidos pelos sujeitos historicamente situados.

Nesta Análise de Discurso, procuramos ultrapassar o entendimento que se criou de que a linguagem tem apenas como objetivo a comunicação. Para Orlandi (*op. cit.*, p. 21), a linguagem

serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e não sujeitos e de sentidos, e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.

O primeiro pressuposto desta análise é que o discurso vincula-se às máximas sociais, às repetições dos aspectos morais e dos preconceitos internalizados, compartilhados e engendrados socialmente. Tais repetições acabam por solidificar os discursos que por final são encarados como verídicos e inquestionáveis.

O segundo pressuposto baseia-se nas ideias de Foucault (1985, p. 91) quando teoriza as relações de poder. Entretanto, como afirma o pensador francês, “onde há poder, há resistência” (FOUCAULT, *op. cit.*, p. 91), portanto, para todo discurso empreendido na sociedade haverá um contra discurso. Ademais, segundo Pêcheux (1975, *apud*, ORLANDI, *op. cit.*, p. 17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia; o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

Desta forma, objetiva-se nesta pesquisa um estudo sobre as postagens da referida

cantora sobre a campanha publicitária da rede internacional de lojas a varejo C&A. Em tais postagens, a cantora critica e propõe um boicote à empresa, pois, segundo ela, faz apologia ao comportamento homossexual e à “ideologia de gênero” no Brasil. A priori, para produzir esta análise discutiremos as relações de poder (FOUCAULT, *op. cit.*) entre religião e a homossexualidade criando um contraponto entre poder e discurso.

Isso posto, a metodologia consiste em proceder à análise nos termos de uma observação segundo a qual as práticas discursivas são essencialmente práticas sociais produzidas através de relações de poder, assumindo a linguagem e o discurso como não-neutros, baseado também segundo o primado da AD, segundo o qual, a linguagem não sendo objetiva, aponta necessariamente para o discurso e, mais que esse, o interdiscurso. Diferente dos métodos em sociologia, que procura a regularidade dos fenômenos, o método na AD consiste em procurar a variabilidade, o modo sempre imprevisível como os sujeitos se localizam ideologicamente, inúmeras vezes, de forma contraditória, como parece ser o caso que elegemos. Se a linguagem descreve menos do que constrói a nós mesmos, é de discurso que estamos falando. Mais que buscar o significado atrás das palavras como faria a sociologia clássica, buscaremos os efeitos de sentido resultantes, e assim chegaremos às (in)coerências de um sujeito enunciante preso nas armadilhas do discurso.

1. Linguagem, discurso e poder: confluências e imbricações

Para iniciar este trabalho estabeleceremos uma definição de conceitos muito problemáticos tais como linguagem, discurso e poder. Lembramos que existem vários pensadores que definem estes termos, alguns convergindo, outros antagonizando. Tal perspectiva revela a complexidade dos termos, mas nesta pesquisa adotaremos, respectivamente as noções de situação histórica e social do discurso com Bakhtin (1999), a noção de incompletude da linguagem em Orlandi (*op. cit.*) e das relações de poder instauradas no discurso, em Foucault (1978).

Desde o início do século XX, a Ciência Linguística tem se preocupado em estudar, sincronicamente, a estrutura das línguas e os sistemas que as constituem. Com o estruturalismo positivista vigente nesse período, os estudiosos da linguagem, à época, acreditavam que a linguística deveria ocupar-se da descrição minuciosa da estrutura da língua nos mais diversos níveis: fonológico, morfológico, sintático, etc. Influenciada pela tradição essencialista, que há muito guiava o pensamento das Ciências Humanas e Sociais, essa visão da linguagem como um sistema formado por outros subsistemas a serem analisados guiou grande parte dos estudos linguísticos desde então. Seguindo essa perspectiva, linguistas acreditavam que os significados são entidades autônomas, com uma existência independente da realidade extralinguística; que a função precípua da linguagem é

representar tais significados, a linguagem servindo, assim, como um representante que liga o mundo real ao linguístico (MARTINS, 2000; FABRÍCIO, 2002).

A sociolinguística laboviana dá por certa a identidade do sistema da língua e vê como sua tarefa descrever as partes e as propriedades do sistema que se ajustam a diferentes situações. Contudo, se estamos interessados no significado situado e vemos as pessoas envolvidas nele por meio da imersão em todas as particularidades contingentes de um contexto dado, a primeira coisa a fazer, se quisermos compreender a comunicação no espaço e no tempo, é tentar entender como as pessoas constroem objetos semióticos que se mantêm juntos tempo suficiente para ir de um contexto a outro, examinando a seguir que sentido as pessoas fazem de tais objetos quando são expostas a eles (RAMPTON, 2006, p. 118).

Entretanto, a visão da linguagem como fenômeno indissociável de seu contexto de produção sociocultural é compartilhada por Mikhail Bakhtin e seu círculo. Em suas obras Bakhtin (1997; 2006) e seus parceiros interessam-se pela produção, pelo discurso produzido e compartilhado por sujeitos em sociedade. O círculo de Bakhtin centra sua atenção sobre "o fato de que a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado" (BRAIT, 1997 p.97). Desse modo, Bakhtin sugere que a linguagem é um fenômeno social que emerge em contextos locais de uso de língua. Para o autor, o papel principal da linguagem é a comunicação (que é sempre considerada em seu contexto sócio-histórico-cultural). Comunicar-se implica agir dialogicamente, e em diálogo com interlocutores que estão situados sócio-historicamente.

A linguagem, neste meio, revela-se como um sistema de importante comunicação ideológica da vida cotidiana, expressa por diversos signos. Estes signos, enquanto objetos ideológicos refletem a realidade material e social, representados pela palavra, pelos comportamentos, pela composição musical, pelo ritual religioso entre outros. No entanto, enquanto signo, a palavra encontra-se presente na conversação e em várias formas discursivas produzidas podendo em alguns momentos agir como mecanismo segregador. Seja na fala, na escrita ou em outras formas de materialização, ela torna-se o material de apoio para a exclusão, compreensão e interpretação das várias formas de linguagem, estabelecendo-se como importante objeto de análise na construção da identidade cultural da sociedade (BAKHTIN, 2006).

Justamente pensando nas inúmeras formas de significar as linguagens, pesquisadores desbravaram novos campos de pesquisa onde a linguagem é tratada de modo especial, e exatamente aqui é que surgiu a Análise de Discurso (ORLANDI, 1999).

A AD francesa, construída a partir do pensamento de Michel Pêcheux, é enfatizada por revisões, relocalizações e transformações de seus conceitos iniciais (MUSSALIM, 2000),

e sob as influências dos estudos de pensadores como Bakhtin, Althusser, Foucault e Lacan.

Para Orlandi (1999), como o próprio nome sugere, a Análise de Discurso não tem como objetivo de estudo a língua ou os aspectos gramaticais. Entretanto, como evidencia a autora, a AD não menospreza tais campos, mas prioriza o discurso, pois “o discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa o homem falando” (ORLANDI, 1999, p. 15).

Desta forma, a linguagem torna-se para a Análise de Discurso um instrumento de mediação entre o homem e a realidade social. Essa mediação, que é o discurso, possibilita possíveis transformações, rupturas ou processos de continuidade de determinadas situações que remetem à realidade em que o indivíduo ou a sociedade em sua totalidade estão inseridos (ORLANDI, 2000).

A AD tem como tripé três correntes importantes que revolucionaram o século XIX: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Em uma visão primária a união destas correntes filosóficas parecem quimeras pela ambiguidade que pode ocorrer pela distinção entre objetivos e credulidades, mas, como demonstra Orlandi (*op. cit.*), não se pode separar a forma e o conteúdo, pois nesta área de conhecimento pretende-se reunir a estrutura e o acontecimento de forma material, o sujeito afetado pela história e o deslocamento da noção de homem para sujeito. Em outras palavras, essa corrente trata do percurso da língua no tempo, espaço, nos campos e nas posições sociais.

Vale ressaltar que Orlandi (*op. cit.*), em conformidade com Maingueneau (1998), acredita que o discurso desta forma não pode ser objeto de uma abordagem puramente linguística, pois remete à articulação de problemas linguísticos e extralinguísticos, tomados não apenas no contexto imediato de interação, pois:

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística (ORLANDI, 1999, p.25).

Desta forma, é sabido que os sujeitos são eminentemente sociais e os sentidos são construídos historicamente, os discursos se enfrentam, pois não são transparentes, são carregados de material simbólico (GREGOLIN, 2007; ORLANDI, 1999), portanto, envolvem-se em querelas e conflitos revelando a verdadeira face do poder.

Foucault (2003) em *Microfísica do poder* revela que essas incessantes lutas estão

em todo o campo social subdividas em micropoderes os quais tem como tarefa promover graduais e contínuas lutas pelo estabelecimento de determinadas verdades, mas como no meio social são constantes os conflitos, periodicamente as verdades são (re)configuradas. Dessa forma, expressões como “gay”, “masculino”, “feminino”, “ másculo”, “afeminado” e as construções identitárias são moldadas por quem controla o poder e o discurso.

No Brasil grande parte das microlutas pelo poder encontra-se no interior dos veículos midiáticos, outrora, representadas por importantes figuras do cenário artístico, político ou religioso, pois estes se vestem de uma legitimidade que é forjada pelo próprio controle do poder e do discurso que, por sua vez, controla os papéis sociais, conceitos e valores. Não raramente, a mídia e importantes personalidades recebem o apoio da sociedade civil, uma vez que a população enxerga nas instituições midiáticas poderosas e muitas das vezes inquestionáveis meios definidores da realidade. Foucault conceitua esta força como *poder disciplinar*. Segundo ele:

é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem a função maior de “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. [...] “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (2002, p. 143).

Entretanto, Coleman (1988, p. 98) caracteriza a influência de determinados indivíduos sobre outros como uma força, um capital. Em suas palavras:

capital social é definido pela sua função. Não é uma entidade simples, mas uma variedade de diferentes entidades tendo duas características em comum: elas todas consistem de alguns aspectos da estrutura social, elas facilitam certas ações dos atores – seja pessoas ou atores corporativos – dentro da estrutura. Como outras formas de capital, capital social é produtivo, tornando possível a realização de certos fins que na sua ausência não seriam possíveis. Como capital físico e capital humano, capital social não é completamente fungível mas pode ser específico de certas atividades. Uma dada forma de capital social que é valiosa por facilitar certas ações pode ser até ou igualmente prejudicial para outras. Diferente de outras formas de capital, capital social é próprio da estrutura de relações entre atores e no meio de atores (...)

Portanto, na sociedade pós-moderna, com valores líquidos e mutáveis e facilmente transformáveis (BAUMAN, 2005), atores sociais entram e saem de cena facilmente.

Entretanto, as redes sociais empoderaram determinados grupos e ampliaram suas vontades e vozes. Entre estes grupos empoderados encontram-se artistas, blogueiros, cantores e pastores. Desta forma, a atual situação dos ambientes *onlines* permite criar uma analogia com o mecanismo de controle onde incessantemente o poder se manifesta sob a forma de um panóptico, como pensado por Jeremy Bentham (2000) que tinha como objetivo o controle e a vigilância total de seus usuários e que posteriormente foi adaptado por Foucault (2003) para explicar as relações de dominação e poder nas sociedades modernas (ALVES e MOURA, 2016).

Contudo, o que alimenta a mídia é o discurso, e o discurso por sua vez controla e domina os grupos sociais, pois se o sujeito vislumbra em determinadas personalidades os representantes legítimos da verdade, o discurso é um dos principais instrumentos pela qual a verdade é dita, ou pelo menos acredita ser. Foucault caracteriza o discurso como lutas de poder, verdades e mentiras nas quais quem o controla tem interesse em disseminar.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2009, p.10)

Desta forma, nas palavras de Coleman (1988, p. 101),

tanto quanto capital humano e capital físico facilitam a atividade produtiva, capital social também o faz. Por exemplo, um grupo dentro do qual existe grande fidelidade e confiança está hábil a realizar muito mais do que um grupo comparável sem fidelidade e confiança.

Nesta lógica, segundo Foucault (2009, p. 9), “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância, qualquer um não pode falar de qualquer coisa”. Dito isso, é notório no discurso religioso atitudes, preconceitos e em casos extremos julgamentos embasados na Bíblia, mas como dito acima, nem tudo pode ser dito, nem tudo pode ser esclarecido, pois convém ao enunciador fortalecer suas virtudes e apontar as fraquezas dos interlocutores, pois assim mantem a sua rede de poder e controle.

2. O discurso Religioso e a reação do oprimido

A atual situação do cenário político e social brasileiro é singular, preocupante e historicamente caracteriza-se como um momento frágil da nossa sociedade, pois com grandes escândalos de corrupção, quedas de grandes políticos, processo de impeachment em curso, desmoralização das instituições republicanas e um alarmante crescimento de setores extremistas ligados ao fascismo além do extremismo religioso dividem a sociedade em “coxinhas” e “petralhas”, em “conservadores” e “vândalos”, termos excludentes e inconciliáveis que em nada favorecem a reflexão e o debate. Neste cenário, surgiram no vocabulário das disputas termos e expressões como “gayzista”, “feminazi”, “família tradicional brasileira”, “ bela, recatada e do lar”, além de “coxinhas” e “petralhas”.

Entretanto, não é o tráfico de drogas, os altos índices de assassinatos, os grandes desvios de dinheiro público que preocupam determinados setores evangélicos representados pela chamada bancada evangélica no Congresso Nacional. Existe uma pauta maior, mais importante para esse setor: a ideologia de gênero.³

No que diz respeito ao campo religioso podemos afirmar que diversas personalidades religiosas se aproveitam da praticidade, alcançabilidade e rapidez na veiculação de notícias pelas mídias, e buscam alternativas legítimas ao ato de propagar suas doutrinas, abandonando por vezes a Bíblia e adotando o tablet, buscando, assim, formas tecnológicas e de fácil acesso para alcançar seus interlocutores. Podemos categorizar tais atitudes como um reflexo da sociedade pós-moderna que sofre a influência das tecnologias, a midiatização do discurso religioso.

Neste cenário bipolarizado, antagonizado, de certo ou errado, de bíblico ou satânico, a cantora gospel Ana Paula Valadão utilizou-se do seu perfil no Facebook para tecer críticas ao lançamento da nova campanha da C&A “Dia dos Misturados” que tem como tema principal a celebração do amor e dar continuidade à nova visão da C&A sobre a moda, lançada em março de 2016 com a campanha “Misture, ouse e divirta-se”. Livre de todo e qualquer tipo de preconceito e estereótipo, o novo filme que celebrou o Dia dos Namorados, fez um novo convite à mistura de atitudes, cores e estampas como forma de expressão. Desta forma, a C&A reforçou o respeito à diversidade.

Entretanto, em resposta à campanha, a cantora/pastora logo reagiu em suas redes clamando os fies a um boicote a empresa:

³ Expressão criada para causar descredito as ideias de equidade entre os sexos e as identidades sexuais



Ana Paula Valadão Oficial

20 de maio · 🌐

Hoje decidi manifestar minha #SantaIndignação porque acredito que estão provocando para ver até onde a sociedade aceita passivamente a imposição da ideologia de gênero. Fiquei chocada com a ousadia da nova propaganda da loja C&A. Chama-se misture, ouse e divirta-se. São casais de namorados saindo e quando eles se beijam a roupa do homem passa pra mulher e a da mulher pro homem. Os homens saem de salto e tudo. E aí fala. Ouse, misture. Em outra propaganda da mesma campanha eles fizeram todos nus como se fossemos criados iguais e temos o poder de escolha. Então chegam em um campo cheio de roupas e as mulheres começam a vestir as roupas dos homens e os homens as das mulheres. Que absurdo! Nós que conhecemos a Verdade imutável da Palavra de Deus não podemos ficar calados. Temos que #boicotar essa loja e mostrar nosso repúdio. Nos EUA a loja Target já teve prejuízo porque mais de 1 milhão de pessoas pararam de comprar (inclusive eu) desde que determinou que os banheiros feminino e masculino podem ser usados por quaisquer pessoas que se sintam homem ou mulher naquele dia, aumentando os riscos de abusos (que já aconteceram em outros lugares que apoiam a ideologia de gênero).

#SouFemininaVistoComoMulher #HomemVesteComoHomem

#UnisexNãoExiste #NãoÀIdeologiaDoGênero #DeusFezHomemEMulher

#FamíliaÉHomemEMulher #HeteroSexualidade

#MonogamiaHeterossexualÉSexoSeguro #Cristianismo

#AmizadeDoMundoInimizadeDeDeus

#NaoEstouEmBuscaDeFasMasDeCristo #AgradarADeusNaoAHomens

#GalatasUmDez

A postagem da cantora revela não apenas o nível de desinformação sobre o assunto e a superficialidade dos argumentos, mas também dificuldade em atender às exigências sintáticas da língua. O que interessa à análise, é que não são preocupantes para a sociedade as crenças pessoais da cantora, mas o que podemos caracterizar como “discurso de ódio” que tal recurso propaga em seus níveis de alcance, pois para Foucault (2006, p. 253) “não se trata do problema do sujeito falante, mas [...] diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona”. O “discurso de ódio” assume mais de uma coloração. A cantora chama para si a autoridade do discurso, afirmando, em uma esfera de poder, a evangélica, a separação entre os que “creem” e os que “não creem”, os que se submeteram à “revelação” e os que não. A querela religiosa é falsa, como quase todas. É como se procurasse apenas a segregação, ao invés de acolher aqueles que a sociedade exclui.

Quanto mais conectadas estão essas redes, mais visíveis estão as mensagens que são publicadas pelos atores e mais capazes são de ser discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais. E é essa capacidade da conversação de transcender o grupo que a iniciou, navegando pelas conexões dos sites de rede social e ampliando a audiência e a participação dos demais que caracteriza as conversações em

Enunciados tais como os produzidos por Ana Paula Valadão, de caráter religioso-moralizante, incentivam, propagam e disseminam o preconceito contra grupos socialmente vulneráveis que socialmente ou biologicamente se desviam do padrão socialmente aceito pelas denominações religiosas. Assim, sempre que determinados setores se expressam, o discurso resultante é o do pré-conceito, ele cai sobre grupos, na nomenclatura anterior, marginais:

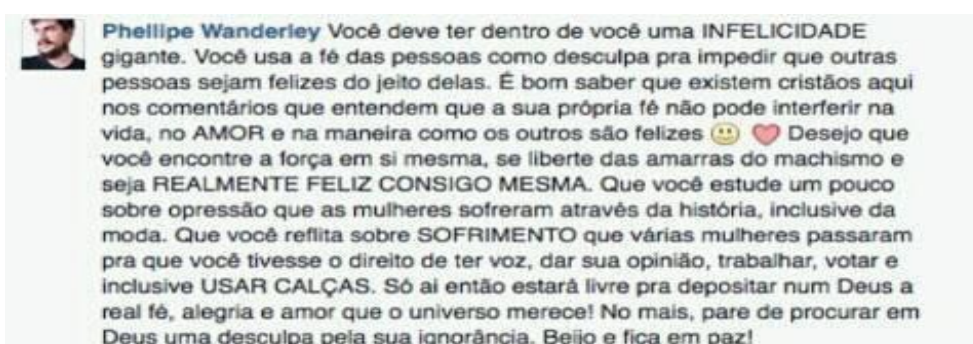
[...] as práticas e sujeitos homossexuais permanecem posicionados em condições subalternas no discurso hegemônico contemporâneo, fomentando a formatação do preconceito contra homossexuais como um importante mecanismo de manutenção de hierarquias sociais, morais e políticas. Estamos chamando de discurso hegemônico aquele discurso capaz de criar formas e práticas de consentimento, de modo a transformar uma experiência particular (neste caso, a experiência heterossexual burguês) em pretensamente universal, inferiorizando ou invisibilidade quaisquer outras possibilidades da experiência social (PRADO, 2008, p. 13).

Segundo Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Desta forma o indivíduo é atravessado pela ideologia, é consumido e forjado através de relações de brigas pelo poder, pelo domínio de determinadas verdades. O sujeito torna-se o centro da disputa das verdades, das mentiras e das próprias ideologias. Entretanto, cabe explicitar que em alguns casos as superestruturas exercem maior força e controle sobre os indivíduos, pois possuem a legitimidade do tempo. No caso de Ana Paula Valadão, o seu discurso e a sua ideologia possuem o respaldo do tempo, da Bíblia e da tradição judaico-cristã. Dito isso, o que seria a opinião da cantora torna-se um saber quase inquestionável para seus seguidores, pois uma vez que o “discurso torna-se mais aceito e seu enunciador, mais certo de que aquilo é verdadeiro. Esse mecanismo funciona tanto para discursos que consideramos legais [...] quanto para discursos que consideramos intolerantes” (RECUERO, 2014).

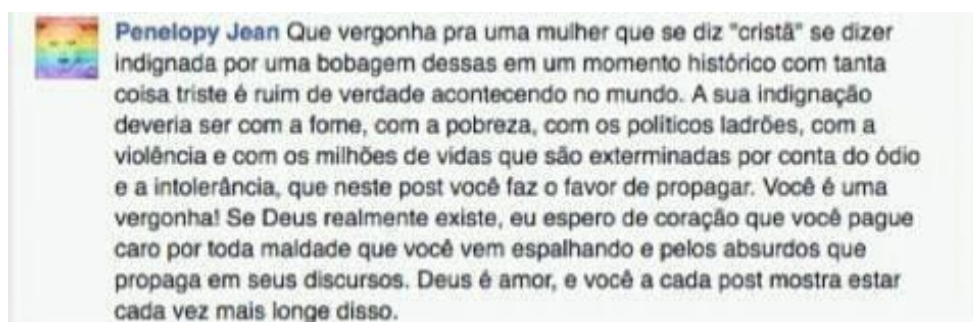
Em suma, o discurso de Ana Paula Valadão não foi apenas uma opinião contra uma tendência de vestuários, mas sim contra a comunidade LGBTT, pois mesmo não deixando claro e explícito em sua postagem a cantora condena as práticas da comunidade. Acredita-se nisso, pois segundo Orlandi (1999), “não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender”. Contudo, um dos motivos que nos levou a considerar que o discurso da cantora era mais um ataque a comunidade LGBTT foram as hashtags que no mundo *online* carregam mais simbologia do que muitas frases longas e complexas. Nas

redes as hashtags representam sentimentos, pensamentos e até mesmo posições políticas. Portanto, mesmo não deixando claro, no texto que postou, a cantora utilizou das hashtags para reafirmar que considera apenas legítimo o comportamento heterossexual e qualquer outro além deste está fardado a desonra e ao pecado. Além das hashtags existem vídeos e outros posicionamentos divulgados em entrevistas e por ela na sua página no *Facebook* contra a comunidade.

Entretanto, como dito acima a sociedade brasileira se encontra polarizada e politicamente enérgica, em outras palavras, atitudes ou posicionamentos que em outras épocas passariam despercebidos hoje ganham proporções gigantescas pela democratização dos meios de informação e até mesmo pela politização dos indivíduos. Desta forma, o comentário da cantora não passou despercebido aos olhos da comunidade LGBTT e dos grupos democratas e liberais, pois logo organizaram um repúdio coletivo à cantora no qual foram produzidos 144 mil “deslikes” (na linguagem dos usuários da rede o deslike significa “não gostei”). Isto decorre da ideia de que para Foucault “onde há poder há resistência” (1999, p. 91). Entre alguns comentários contra os posicionamentos da cantora se destacaram:



Phellipe Wanderley Você deve ter dentro de você uma INFELICIDADE gigante. Você usa a fé das pessoas como desculpa pra impedir que outras pessoas sejam felizes do jeito delas. É bom saber que existem cristãos aqui nos comentários que entendem que a sua própria fé não pode interferir na vida, no AMOR e na maneira como os outros são felizes 😊❤️ Desejo que você encontre a força em si mesma, se liberte das amarras do machismo e seja REALMENTE FELIZ CONSIGO MESMA. Que você estude um pouco sobre opressão que as mulheres sofreram através da história, inclusive da moda. Que você reflita sobre SOFRIMENTO que várias mulheres passaram pra que você tivesse o direito de ter voz, dar sua opinião, trabalhar, votar e inclusive USAR CALÇAS. Só aí então estará livre pra depositar num Deus a real fé, alegria e amor que o universo merece! No mais, pare de procurar em Deus uma desculpa pela sua ignorância. Beijo e fica em paz!



Penelopy Jean Que vergonha pra uma mulher que se diz "cristã" se dizer indignada por uma bobagem dessas em um momento histórico com tanta coisa triste e ruim de verdade acontecendo no mundo. A sua indignação deveria ser com a fome, com a pobreza, com os políticos ladrões, com a violência e com os milhões de vidas que são exterminadas por conta do ódio e a intolerância, que neste post você faz o favor de propagar. Você é uma vergonha! Se Deus realmente existe, eu espero de coração que você pague caro por toda maldade que você vem espalhando e pelos absurdos que propaga em seus discursos. Deus é amor, e você a cada post mostra estar cada vez mais longe disso.

Contudo, para minimizar os danos causados pela postagem, a cantora reagiu, desta vez com uma mensagem gravada em vídeo no qual respondeu as críticas da comunidade LGBTT e da Esquerda. A expressão do discurso não deixa por menos. Investe no

posicionamento ético-cristão – “aprendi com Jesus Cristo a amar os meus inimigos e a orar pelos que me perseguem e que tem orado por você”. Em outras palavras ela reintegra o que havia dito. Tal atitude condiz com o pensamento de Orlandi (1999, p.32)

o dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem controle sobre o modo pelo que o sentido se constitui nele.

O discurso bíblico da tolerância aqui cai em campo vazio, visto que o radicalismo de extração religiosa em nada recupera o acontecimento da doutrina cristã. No estruturalismo saussuriano, teríamos um significante vazio; em Pêcheux (2006), trata-se de uma estrutura vazia. Enunciados ofensivos não recuperam a história positivamente. Não apenas por ter caído no vazio sua proposta de boicote. O boicote é uma arma, um procedimento ideológico de repúdio. Uma vez que ele é proposto, retoma-se no enunciado toda a série de boicotes anteriores arquivados na memória histórica por ter efeito moral e ideológico em favor de uma causa consensual e eticamente aceita. Não foi o caso. É nesses termos que o acontecimento (nos termos de Pêcheux) decorre apenas de uma mágoa pessoal por ter sido preterida pela campanha da C&A. Ou seja, não há história, não há ideologia, nem inconsciente válidos formulando o enunciado.

3. Considerações Finais

As redes sociais mostram-se como uma das mais populares e mais presentes formas de comunicação interativa na vida diária das pessoas dos mais variados setores sociais, grupos e faixas etárias. Tornou-se com facilidade, um importante mecanismo de informação, comunicação e entretenimento, que une as pessoas através de situações concretas, compartilhamentos, emoções e discursos. E o *Facebook* é um dos produtos midiáticos mais importantes, instalado que se encontra na chamada rede mundial de computadores. A rede social informa, contextualiza e oportuniza a milhares de pessoas a possibilidade de opinar, compartilhar e dividir com sua rede de amigos e seguidores suas convicções, ideologias e pensamentos. Entretanto, da mesma forma que o usuário emite opiniões, sua rede de amigo tem o direito de resposta, o que o torna importante instrumento de mediação e construção do diálogo e da interação. Queremos crer que com ele e com os demais artefatos de comunicação instantânea da internet, está em curso um debate de formas genuínas, sem precedentes na história, uma vez que todos têm direito igualitário à palavra. Acreditamos que, se os posicionamentos assumidos socialmente com base no consenso vingarem, estaremos caminhando para uma sociedade mais tolerante e apaziguada. Nesses termos, o

debate socialmente válido – bem diferente daquele encaminhado pela cantora – teria livre curso.

Na tentativa de conclamar seus “correligionários” pelo seu discurso ancorado na cena da enunciação cristã, o contraponto, ou seja, o interdiscurso de rancor e preconceito, exclusivista e intolerante, apareceu mais forte. Ou seja, não deu nem para constituir um ethos cristão, mostrado a partir do enunciado #SantaIndignação, que é outro dispositivo acessório na sua pregação pessoal. Entretanto, nem todas as pessoas rendem-se ao ódio e ao discurso de ódio, uma vez que, muitos dos seus seguidores se sentiram envergonhados pelo posicionamento da cantora, além da forte e massiva campanha contra o posicionamento da mesma em um período no qual a violência contra o LGBTTT se tornou rotineiro nos principais noticiários do mundo.

Neste estudo analisou-se o caso da cantora Ana Paula Valadão e observou-se que para todo discurso empreendido em sociedade haverá um contra discurso como resposta de forma igual ou maior, pois é esta a base do sistema democrático. Em termos da teoria do discurso, o ethos “mostrado”, que é sempre mais fraco que o implícito, se colocou em dissintonia, ou de forma assimétrica com respeito ao enunciado. Aquilo que nos termos da linguística da enunciação entra em desacordo com o enunciado, os sentidos de fato produzidos pelos seus pronunciamentos são flagrantemente contraditórios. Ela disse uma coisa e compreenderam outra, aquilo que ela de fato quis dizer.

Alerta-se, assim, para o fato de que o discurso religioso pode em alguns casos encobrir o discurso de ódio, propagando a discórdia e a desunião entre os usuários desviando o pensamento ou ideologia para o embate odioso da exclusão de grupos sócio-historicamente marginalizados.

Portanto, desta forma os sujeitos se constroem, se formam e o discurso é parte estruturante nesta formação. Isso porque “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso estão acabados [...] estão em um movimento constante do simbólico e da história” (ORLANDI, 1999, p. 37).

REFERÊNCIAS

ALVES, Carlos Jordan Lapa; MOURA, Sérgio Arruda de Moura. Facebook como panóptico moderno: Como a vontade de controle emana do indivíduo. *In Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online*. V.5,n.1.2016. Belo Horizonte. p.1-238.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ª ed., Trad. M. E. G. Pereira. São Paulo:

Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. 12. ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COLEMAN, James. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95-120, 1988.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Implementação de mudanças no contexto educacional: discursos identidades e narrativas em ação**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, Estudos de Linguagem. Mimeo. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e trad. de Roberto Machado. 18a edição. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Trad. de Raquel Ramallete. 26a edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 5.ed. São Paulo: Forense Univesitária, 1997.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia**: a (re)produção de identidades. Revista Univerciencia. São Paulo: v. 2.2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004

MARTINS, Maria Helena. **Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein**. Veredas Revista de Estudos Lingüísticos, vol. 4, n.2, p.19-42, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Temas-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MUSSALIM, Fernanda. Análise de Discurso. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística II**: domínios e fronteiras. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 101-142.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX. Michel.. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de

Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades**: a hierarquização da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.

RAMPTON, Ben. **Continuidade e mudança nas visões de sociedade em linguística aplicada**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). Por uma linguística aplicada INdisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012

Sobre os Autores

Autor 1: Mestrando em Cognição e Linguagem (UENF), Graduado em História. Atua na área de Gênero, homocultura e Análise de Discurso. E-mail: jordan.alves@hotmail.com

Autor 2: Professor do Programa de Pós Graduação em Cognição e Linguagem (UENF). Possui Doutorado em Literatura Comparada (UFRJ). E-mail: arruda.sergio@gmail.com